

# IMPERATRIZ E SEUS FOTÓGRAFOS URBANOS: CAMINHADAS, VELO[CIDADES] E ENQUADRAMENTOS NA CIDADE

Jesus Marmanillo Pereira<sup>1</sup>

## Introdução

A rua, nos exercícios etnográficos, se coloca para nós como um arranjo espaço-temporal onde a vida social se desenrola nas suas mais diversas formas. São múltiplas facetas da rua que o etnógrafo conhece em sua inserção na “pesquisa de campo” que são narradas pelas imagens etnográficas da escrita, da foto, do vídeo, do som e que aqui são interpretadas como poética das ruas acomodadas nos ritmos temporais da vida cidadina (Rocha; Eckert, 2015: 13).

Ao pesquisar na rede Instagram e em blogs locais, é possível notar uma série de perfis destinados aos registros imagéticos do cotidiano urbano da cidade de Imperatriz, no estado do Maranhão, Brasil. Ao observar as fotografias e estabelecer contato com alguns fotógrafos locais, verificamos que as imagens captadas por eles traduziam uma concepção simbólica a respeito da cidade e sinalizam a existência de duas práticas valiosas para os estudos de antropologia urbana: caminhar e observar. Partindo desse contexto, o presente artigo visa compreender a experiência da fotografia urbana, na referida cidade, por meio da observação do trabalho e da análise das narrativas de um fotógrafo de rua chamado Daniel Sena. Analisando o itinerário e o “olhar” dele, buscaremos os diferentes ritmos, as velocidades e as especificidades dessa metrópole localizada na Amazônia maranhense.

Assim, é importante enfatizar que se trata da segunda maior cidade do estado do Maranhão, que fica localizado no Nordeste brasileiro. Apesar disso, ela também faz parte da Amazônia legal por estar situada no extremo Oeste do estado, sendo separada da região Norte apenas pelo rio Tocantins. Ela foi instituída, por meio Lei

---

<sup>1</sup> Universidade Federal do Maranhão, Brasil. Email: [jesusmarms@gmail.com](mailto:jesusmarms@gmail.com)  
ORCID id: <https://orcid.org/0000-0001-5220-5567>

Complementar Estadual nº 89 de 2005, como centro da região metropolitana do Sudoeste maranhense (RMSM). Trata-se de uma cidade comercial e industrial que possui influência direta sobre os municípios de João Lisboa, Senador La Rocque, Buritirana, Davinópolis, Governador Edison Lobão, Montes Altos e Ribamar Fiquene. A população total estimada em 2016 era de 353.428 mil habitantes (IBGE, 2010),

Teoricamente, baseamo-nos na ideia de compreensão (Simmel, 2001), fundamentada tanto na busca de um sentido atemporal, empático, psicossocial, objetivo e atento aos indivíduos, quanto por uma valorização da realidade contextual que consolida as formas como fatos. Ou seja, uma compreensão isolada (conteúdos) e pautada na abstração e a continuidade desse processo em termos de fatos narrados que se materializam em uma história social (formas). O referencial Simmeliano (2003;1967; 2006) nos possibilitou também compreender as cidades pelas narrativas e experiências, ressaltando as dimensões simbólicas, estéticas, das emoções e dos estímulos psicossociais e das sociabilidades.

Ancorados nesses objetivos e referenciais, orientamos a pesquisa de campo para a coleta de relatos do referido fotógrafo, a análise contextual e hermenêutica de suas imagens e percepções, bem como para pesquisas documentais sobre um bairro no qual ele desenvolve a prática fotográfica desde 2012. Nesse sentido, a narrativa aqui posta é fundamentada, principalmente, por meio das histórias vividas nas ruas da cidade (Rocha; Eckert, 2005), sendo, portanto, dividida em dois tópicos que representam parcialmente o itinerário de nosso informante: 1) os caminhos e o caminhar nas ruas; e 2) uma fotoetnografia no bairro da CAEMA.

### **Os caminhos e o caminhar nas ruas**

Nascido em Taubaté, em 1982, Daniel Sena chegou a Imperatriz em 1995, com 13 anos de idade. Entre os 6 e os 8 anos, ele já tinha contato com as imagens, pois um *hobby* do seu pai era filmar a família. Segundo ele, o pai era um entusiasta e possuía aparelhos que nem as redes de televisão da época tinham. Ele explica:

Aí, desde jovem, eu tinha acesso... as primeiras eram muito pesadas. Mas, mesmo assim, comecei a brincar. Depois, vieram umas mais leves. Grandes, porém, mais leves, e eu já deveria ter uns 8 a 10 anos, eu acho. A coisa que eu mais gostava de filmar era jogos de botão. A gente até narrava inspirado pela TV Band, Luciano do Vale e Silvio Luís (Sena, entrevista realizada em maio de 2020).

Em 2011, ele ingressou na Universidade Federal do Maranhão, evento que gerou uma mudança de planos, já que seu primeiro interesse era pelas filmagens, por conta da influência paterna. Lá conheceu Rosana Ferreira Barros que lhe ensinou muito sobre fotografia. Ela é de Imperatriz e estudava jornalismo desde 2008. Em um diálogo com a informante, ela nos explicou que o interesse pela fotografia estava muito vinculado ao ambiente acadêmico, pois apareceu, primeiramente, como um objeto de pesquisa que fosse comum às duas graduações que realizava na época (Jornalismo na UFMA e História na UEMA)<sup>2</sup>. Em 2011, comprou uma câmera Nikon D90 e, no ano seguinte, uma Nikon D3100, que foi justamente a câmera que propiciou os primeiros aprendizados a Daniel Sena.

O interesse comum dos dois pela fotografia se materializou na empresa Imperatriz Fotos (IF)<sup>3</sup> que era dedicada à prestação de serviços fotográficos, mais especificamente ao fotojornalismo. Aberta oficialmente em 14 de dezembro de 2012, comunicava-se com o público por meio de um *site*, um *blog* e contas em redes sociais. Rosana Barros explica que eles faziam assessorias, fotos para jornais e divulgação de eventos com imagens que expressavam o que acontecia em feiras de comércio e de livros e na divulgação da cidade. Sobre o IF, Bueno e Batalha (2005: 215) destacam que se trata de “uma referência na valorização do fotojornalismo e um incentivo à melhoria da qualidade do trabalho por meio da cobertura de imagens”.

Daniel Sena informa que experiência Imperatriz Fotos fez com que ele fotografasse muito, pois tinha que postar as imagens no site da empresa e realizar trabalhos de ensaios fotográficos relacionados a festas de casamento, formatura e aniversário, entre outros. Ele explicou que aquela experiência o fez acelerar o ritmo de aprendizado. A empresa ficou conhecida e isso proporcionou uma parceria com o jornal *Correio Popular*, no qual os fotógrafos dispunham de uma coluna. Esse foi um momento que se caracterizou como um período de experiência e aprendizado na prática fotográfica de ambos.

---

<sup>2</sup> Como resultado dessas graduações, foram produzidas as monografias “Procissão em fotografias da padroeira de Imperatriz do Maranhão”, para o curso de Jornalismo, e “O olhar fotográfico de Albé Ambrógio: uma perspectiva pedagógica para o regaste de cenários históricos de Imperatriz na década de 1960 e 1970”, para o curso de História na UEMA.

<sup>3</sup> Razão Social: Rosana Ferreira Barros/ CNPJ: 17.304.089/0001-82.

Todo dia tinha uma reportagem fotográfica. Dos mais diversos temas. Aí, isso me fez andar pela cidade. Andar para a rua. Achar o que falar e fotografar. Foi bem massa. Eu cresci junto com o *site*. Tínhamos todos os dias um tema para postar várias fotos (Sena, entrevista realizada em maio de 2020).

Nas narrativas de nossos informantes, fica clara uma distinção entre as situações extraordinárias e as cotidianas que ocorriam na cidade. Se, por um lado, existiam as coberturas de eventos, por outro, também foi possível criar anúncios no IF que chamavam o leitor para conhecer o cotidiano das ruas da cidade. A citação anterior mostra um pouco dos bastidores dessa produção e sua relação com a rua. No *site*, inclusive, é possível observar uma série de chamadas para apreciar fotos dos artistas urbanos, sendo comum títulos como: “A arte no sinal e o sinal da arte”; “Os malabares e a praça”; “Arte na CAEMA”; e “Os malabares e a beira rio”.

Sobre a relação entre fotojornalismo e Sociologia, autores como Valadares (2010) e Lidner (1996) observam que a frequência e a distribuição das publicações nas cidades podem ser pensadas como uma sucessão incessante de impressões, de novidades constantes que promovem a intensificação do ritmo da vida e de uma cultura urbana. Essa é uma ideia que remete a autores como Georg Simmel e Robert Park, sociólogos que valorizavam a experiência, as histórias de vida, o caminhar e o cotidiano da urbe.

Imagem 1- Anúncio da Coluna do IF no Jornal *Correio Popular*



Fonte: Livre Imperatriz Fotografias, 2017.

A capa da coluna (Imagem 1) traz imagens, capturadas por Daniel Sena, de paisagens e atores. Além disso, na plataforma de divulgação (*Facebook*) há um texto explicando que, pelas lentes fotográficas, o IF conta histórias sobre a cidade. Durante a entrevista com Daniel Sena, quando ao indagar se as fotografias foram realizadas em processos de caminhada pela cidade, obtive a seguinte resposta:

Sempre Mano. Sempre escolhi andar, porque eu vejo o tempo e as coisas e as pessoas em ritmo lento, mais fácil de observar. Tem gente que pega a *bike*, a moto e sai. Eu curto a caminhada, pelo volume de informação que dá para pegar [...] O corpo está lento, a percepção apurada e a mente produzindo e decodificando informações aos montes. Eu tenho na cabeça que as ruas são ótimos temas, tem sempre algo acontecendo, mesmo quando não está acontecendo nada (Sena, entrevista realizada em maio de 2020).

A rua, a velocidade dos passos, os estímulos, a percepção, a compreensão e a expressão imagética marcam as etapas do processo de trabalho do fotógrafo, carregando uma série de aspectos apresentados no conjunto conceitual simmeliano. Nesse sentido, vale destacar os ensaios “A metrópole e a vida mental” e “Veneza”, nos quais Simmel (1967; 2003) apresenta as cidades grandes, pequenas e históricas de acordo com as condições nas quais determinadas personalidades se acomodam com as forças externas nas cidades (estímulos, movimentos, velocidade etc.). Para esse autor,

[c]om cada atravessar de rua, com o ritmo e a multiplicidade da vida econômica, ocupacional e social, a cidade faz um contraste profundo com a vida de cidade pequena e a vida rural no que se refere aos fundamentos sensoriais da vida psíquica. A metrópole extrai do homem, enquanto criatura que procede a discriminações, uma quantidade de consciência diferente da que a vida rural extrai. Nesta, o ritmo da vida e do conjunto sensorial de imagens mentais flui mais lentamente, de modo mais habitual e mais uniforme (Simmel, 1967:14).

De modo similar ao das cidades pequenas, o autor observa que, na cidade histórica de Veneza, “as pessoas andam como se estivessem a atravessar um palco [...] surgem constantemente a dobrar uma esquina para desaparecerem de imediato numa outra” (Simmel, 2003: 125). Ele nota uma sincronia entre a velocidade das gôndolas e das caminhadas das pessoas, não existindo, portanto, um movimento heterogêneo das variadas velocidades e atores, como há nas metrópoles. Dessa forma, os “vazios” e o ritmo da vida possibilitam uma percepção mais apurada da experiência.

Assim, mesmo estando em uma grande cidade, o ato de caminhar traz para o nosso informante uma espécie de ruptura com a ideologia da metrópole moderna e rápida, sendo assim atitude necessária para a construção do olhar. Sobre essa relação

entre a velocidade e a metrópole, Fortuna (2018) nota que a relação dos sujeitos com o espaço foi alterada devidos aos progressos técnico-científicos que resultaram em um acesso fácil a qualquer tipo de georeferenciamento, implicando a banalização do ato de conquistar e construir uma experiência própria de conhecimento com o espaço. Assim, “com o espaço que perde a espessura que antes a caminhada lhe emprestava, agora também o tempo perde densidade e o instante ganha proeminência (Fortuna, 2018: 41).

Esse autor explica ainda que a caminhada urbana, quando ocorre lentamente, proporciona uma atenção concentrada que se alinha ao descrito por nosso informante quando enfatizou que gostava da caminhada, porque nela “o corpo está lento, a percepção apurada e a mente produzindo e decodificando informações aos montes” (Sena, 2020). Sobre o ato de caminhar, Fortuna (2018) observa que ele se tornou anacrônico em relação ao aceleracionismo cultural da cidade que valoriza a rapidez do deslocamento e marginaliza o “caminhar a pé”, subordinando as cidades à lógica dos automóveis. Para o autor, o ato de sentar-se nos espaços públicos tornou-se anômalo, exceto quando se paga-dado o movimento privatizador dos espaços.

Imagem 2 – Estímulos, cores, movimentos e sons



Fonte: Sena, 2020.

Na Imagem 2, o leitor poderá visualizar a forma de olhar de Daniel Sena. Com uma lente teleobjetiva 70-300mm da Nikon, ele faz fotografia com profundidade cujo

enquadramento nos traz muitas cores, movimentos, sons e atores sociais. É possível compreender a imagem como uma espécie de moldura (Simmel,2003), já que ela possibilita ao leitor problematizar o caráter da representação fotográfica, considerando a totalidade da imagem ou as partes que a compõem. Sobre essa perspectiva estética simmeliana, Pereira (2019: 26) explica que, para Simmel, a moldura possui a dupla função de limitar e excluir a obra de arte do ambiente externo, simbolizando uma unidade psíquica para quem a contempla.<sup>4</sup>

Quando perguntei ao fotógrafo sobre a imagem e as fotos de rua, ele explicou: “Trânsito sempre me chamou atenção pelas bagunças [risos]. Tu precisas usar a tele para entender essas fotos. Muda tudo, cada lente faz o fotógrafo pensar diferente. É massa!” (Sena, 2020). Esse trecho da conversa revela que a percepção pode ser alterada pelo tipo de lente utilizada na observação da cidade. Além disso, destaca os vários estímulos e informações (bagunça) que interessam ao fotógrafo e a empatia desenvolvida no diálogo, que também se constitui como uma troca de experiência, já que tenho mantido contato com o ele desde o ano de 2015.

Creio ser relevante destacar que meu relacionamento com Daniel Sena se construiu por meio de diversificados encontros ocorridos devido a outras pesquisas por mim realizadas sobre a prática do *skate*, do Grafite e da arte de rua em Imperatriz, assim como por meio de contatos possibilitados por nossas redes particulares de relacionamento. Nossa convivência durante esse longo tempo permitiu ainda que eu adquirisse com ele um vasto conhecimento sobre fotografia. Esse contexto de relacionamento constitui um conjunto de informações importantes para a compreensão objetiva (Simmel, 2001) dos estímulos. E assim, nessa perspectiva intemporal, poder construir, a partir dessas trocas, meu conhecimento sobre a cidade e sobre a fotografia, seguindo princípios similares, até certo ponto, ao do nosso colaborador.

Por conta disso, a primeira etapa de nossa compreensão pôde ser materializada na seguinte declaração:

Sempre gostei muito da rua, dos movimentos urbanos, de explicar a cidade através das imagens... ou pelo tentar dar uma opinião com as imagens, documentar o movimento urbano, que envolve pessoas e a construção da cidade, da vivência com ela (Sena, entrevista realizada em maio de 2020).

---

<sup>4</sup> Provavelmente, possui relação com a noção de *frame* utilizada pelos interacionistas simbólicos. Inferência sustentada principalmente por autores como Vandenberghe (2018).

Assim, o gosto pelo ato de caminhar, de ver a cidade, de tentar explicá-la como resultado das experiências das percepções e de percebê-la pelo movimento de seus atores sociais e por imagens constitui característica comum que se repete na Antropologia urbana e visual, assim como no processo de aprendizagem dos fotógrafos urbanos em Imperatriz, com suas devidas especificidades.

Portanto, a forma como o fotógrafo, colaborador de nossa pesquisa, observava a cidade é um dado importante, não só para refletir sobre a construção de uma identidade entre o “eu” e o “outro”, mas também para problematizá-la no contexto de uma narrativa sobre as formas urbanas. Na busca de compreender a moldura mais ampla da cidade, é importante comentar a Imagem 3, que traz a mãe<sup>5</sup> de uma pessoa que morava ao lado de um amigo do fotógrafo, em um bairro vizinho ao Centro da cidade, chamado CAEMA.

Imagem 3 – Mãe da Eurides quebrando coco babaçu



Fonte: Sena, 2020.

A imagem traz um contexto acessível apenas ao fotógrafo, pois, como dito, qualquer pessoa que a observasse, poderia dizer que se trata de uma localização rural, por exemplo, a Vila Conceição, que se localiza a 30 Km de Imperatriz, marcada também pela prática da quebra do coco babaçu. O diálogo com o informante revelou

---

<sup>5</sup> Sobre a relação de Daniel Sena com a Eurides, ele explica: “A Eurides, quando eu passo muito tempo sem ir lá, ela manda até recados pelos amigos, me mandando ir. Na última vez, foi nessa pandemia, fui levar cesta básica lá para ela e para outro amigo” (SENA, entrevista realizada em maio de 2020).

esse contexto e a existência de uma cidade plural, composta por diversos segmentos, geralmente ignorados pela ideia corrente de cidade ou metrópole moderna presente em Imperatriz.

Nesse sentido, é importante fazer uma crítica à concepção moderna de cidade, pois, se foi inicialmente pensada com a racionalização e objetificação da vida e sua tensão com a subjetividade e com os aspectos do comportamento individual, torna-se necessário pontuar também a importância de uma descolonização da ideia de urbano (Pereira, 2018) para refletir sobre a invisibilização de algumas etnias existentes na cidade. A esse respeito, Pereira (2018) apresenta alguns exemplos em que as populações indígenas são ignoradas, apesar de constituírem núcleos em algumas cidades médias brasileiras.

A situação registrada na Imagem 3 é parte de um conjunto de formas urbanas características de metrópoles heterogêneas, nas quais o discurso de cidade moderna coexiste lado a lado com aquilo que esse mesmo discurso considera “tradicional”. A cidade de Imperatriz traz esse aspecto plural, pois, se na Imagem 2 a rua era ordenada pelas cores vermelha e verde do semáforo, que orchestra o barulho dos motores dos automóveis e o movimento dos pedestres e ciclistas; a Imagem 3 apresenta estímulos completamente distintos. Nela, temos um tempo ordenado pelas batidas do “porrete” sobre o coco babaçu, pela luz solar e pelo canto das cigarras que surgem com o entardecer.

Se caminhar pela cidade possibilita a descoberta, uma caminhada de 15 a 25 minutos a partir do Calçadão (centro comercial localizado no Centro da cidade) até as áreas ribeirinhas possibilita ao transeunte observar imagens semelhantes às citadas anteriormente, revelando comunidades de pescadores espremidas em uma estreita faixa de terra localizada entre a rua 15 de novembro e a Beira Rio<sup>6</sup>.

Sobre o processo de obtenção da imagem, é importante ressaltar a relação que o fotógrafo construiu com o lugar. Segundo ele:

Outra coisa fundamental foi conhecer a CAEMA. Aí, foi onde fluiu de vez. Foi onde fiz vivência, amigos e histórias. Onde a galera começou a me ver sem medo da fotografia. Isso me proporcionou muito aprendizado. Porque já me viam com a

---

<sup>6</sup> Com 25 minutos de pedalada no sentido oposto, é possível chegar a uma aldeia urbana no bairro do Parque Amazonas.

máquina e achavam que era extensão do meu corpo. Era o foteiro. Eles sabiam das respostas que eu tinha quando usava a imagem. Me aceitaram e não se importavam com a máquina. Hoje estou aqui pegando esse tipo de foto sem esforço [me mostra uma foto da Trupe de Habilidade Circenses (THC) na casa de um dos membros do grupo]. Foi o que a vivência proporcionou. Na verdade, passaram até a pedir fotos (Sena, entrevista realizada em maio de 2020).

Se o Imperatriz Fotos foi importante na formação fotográfica do informante, a experiência no bairro da CAEMA possibilitou uma experiência fotoetnográfica (Pereira, 2015) que se expressou no grau de aproximação das fotografias capaz de fazer com que nosso colaborador nos mostrasse uma fotografia feita na casa de um dos membros do THC, em pleno tempo de pandemia. Segundo o informante, o contato iniciou-se em 2012, motivado inicialmente pela busca de uma pauta sobre artistas para a empresa IF. Contudo, observamos que essa experiência resultou em relações de amizade, respeito e confiança, construídas ao longo do tempo. Todos esses sentimentos e aspectos motivacionais – e fundamentais nas interações – podem ser compreendidos como conteúdos importantes que caracterizam uma integração das partes.

A fachada de “foteiro”, o desejo de fotografar e a vontade de ser fotografado também são elementos importantes para uma reflexão sobre as condições e motivações das suas ações e sobre o próprio cenário onde ele atua. Foi nesse contexto que ele obteve contato com os artistas da Trupe de Habilidades Circenses (THC) e acesso à casa do artista Francisco Admael de Souza Costa, conhecido como Tico<sup>7</sup> – que era uma espécie de personagem apaziguador e agregador naquele bairro. Sobre esse ator social, verificamos que era uma das principais referências da cultura de rua, na cidade de Imperatriz-MA. Era artesão, malabarista, em pesquisa sobre a prática de *skate*, verificamos que foi o campeão do primeiro campeonato realizado na cidade (Pereira, 2019)

Quando o indagamos sobre os processos iniciais e empáticos, entre ele e os artistas do THC, obtivemos a seguinte explicação de Daniel Sena:

Sempre fui muito bem tratado... Tive problemas de relação, como em qualquer grupo que a gente chega. (...) Quando eu cheguei foi de boa. Mas tivemos que ter boas conversas pra mim poder mostrar a eles a importância da fotografia para eles. Pro trabalho deles. A importância de ir na CAEMA e voltar falando bem do local, dando outro ponto de vista. Comum era a rua, a cortiço também... que nem tudo era para ser fotografado e sim vivido. Lá é outra cidade, outro modo de vida. Tinha a arte também que sempre me encantou e eu acabei me conhecendo mais em relação a

---

<sup>7</sup> Infelizmente, Tico foi vítima de um assassinato passional no dia 16 de junho de 2019. Contudo, sua contribuição com a arte de rua é recorrente nos vários grupos urbanos e ficará gravada na memória da cidade.

isso. Conheci pessoas também que me ensinaram coisas da vida, do dia a dia. Até como o morador via o bairro (Sena, entrevista realizada em maio de 2020).

A citação traz uma situação de construção de empatia que caracteriza os processos de negociação em campo. Contudo, também chamam a atenção os aspectos mais subjetivos, quando ele explica que existiam situações que eram para ser vividas e não registradas, ou quando cita um processo de auto reconhecimento a partir do contato com o outro. Assim, ao mesmo tempo em que demonstra situações de compartilhamento e aproximações dos conteúdos, sinaliza que existiam momentos de lazer (curtição). O informante, em seus processos reflexivos, de trocas e experiências, demonstra um incessante movimento na cultura local, sinalizando um processo criativo e de ativação da própria consciência quanto às experiências vividas. Dessa forma, verificamos, nas fotos e nos relatos, uma aproximação com a concepção de vida trabalhada por Simmel (Jankélévitch, 2007).

#### **Outra metrópole:** uma fotografias e interações no bairro da CAEMA

Segundo a pesquisa de Cunha e Soares (2010), o bairro da CAEMA iniciou-se na década de 1970, ao lado do rio Tocantins e na área da fazenda do ex-prefeito Simplício Alves Moreira. Naquela época, ele doou alguns lotes para a construção da sede Companhia de Água e Esgotos do Maranhão (CAEMA) na cidade, momento em que algumas olarias também compraram alguns lotes na área próxima. Os pesquisadores verificaram que o bairro era composto, naquele momento, por aproximadamente 24 ruas e possuía uma população estimada de 926 famílias.

O bairro tem uma característica bastante específica, pois é cruzado por duas Áreas de Preservação Permanente (APP), possuindo, por isso, uma forte presença da natureza, se comparado com o Centro da cidade. Como apontam Pereira e Pereira (2017), a CAEMA compõem a lista de bairros estigmatizados nos relatos dos mototaxistas da cidade e possui uma representação social bastante associada ao medo e à violência. A esse dado de pesquisa, acrescentaríamos que é comum observar na imprensa local títulos como: “Mulher envolvida com tráfico de droga é presa no bairro da Caema” (O Progresso 04/05/2019); “Trio é preso por tráfico de drogas no bairro da

Caema” (Correio MA, 06/02/2019); Mulher é presa em Imperatriz por tráfico de drogas (O Imparcial, 15/01/2020); “Dupla é presa por suspeita de tráfico de drogas no Bairro da Caema, em Imperatriz” (Imirante, 21/12/2018), que corroboram a construção de determinadas expectativas para aquele cenário.

De modo similar a Cornerville (Foote Whyte, 2005), a CAEMA também é vista como uma área problemática e as pessoas de fora possuem acesso limitado a informações sobre o local, pois as notícias especializadas nos cadernos de polícia dos veículos de comunicação transmitem situações extraordinárias que só podem ser compreendidas com um conhecimento mais detalhado a respeito do cotidiano local. Nesse sentido, adentraremos o referido bairro, ancorados nas lembranças e narrativas de nosso informante.

Para buscar a CAEMA “de perto e de dentro” (Magnani, 2002), foi importante desenvolver vivências e experiências que possibilitaram a Daniel Sena a construção de relações de vizinhança. As caminhadas com acenos de bom dia ou boa noite, o consumo de produtos locais e os diálogos com os moradores são características marcantes das narrativas de nosso interlocutor. Um desse atores era o “Zé do espeto”, que observava o fotógrafo e os artistas indo para lá e para cá durante o dia. Daniel Sena explica: “Acho que ele via todo o movimento de perto. Além do mais, a gente comprava espetinhos com ele praticamente todo dia” (Sena, 2020). Com sua presença incluída na paisagem local, nosso informante produziu a seguinte foto:

Imagem 4 - Comércio do Zé



Fonte: Sena, 2020.

A imagem frontal feita em uma lente 35mm revela a familiaridade do fotógrafo e características da composição social majoritária no bairro ribeirinho: casas simples e pessoas que elaboram as mais diversas estratégias para se manter na cidade. Com uma atitude similar à de um antropólogo, Daniel Sena apresentou o “Zé” na *fanpage* do IF, buscando apresentar um pouco do cotidiano local para a sociedade mais ampla da cidade. Nesse sentido, explica na legenda:

No bairro da Caema, os moradores da comunidade ganham a vida de muitas formas. Esse que aparece na fotografia é o "Zé", ele transformou sua residência em um pequeno comércio, onde encontramos sempre à venda, uma cachaça, um espetinho de um real e o geladão (Sena, 19 de agosto de 2014).<sup>8</sup>

Dessa forma, as imagens apresentam duas dimensões: uma documental, bastante explícita na citação; e outra que é fruto da sociabilidade desenvolvida no lugar. E, quando citamos esse termo, o fazemos no viés de Simmel (2006), que compreende a sociabilidade como uma forma autônoma da sociação. Nesse sentido, é importante refletir que, se as primeiras necessidades de inserção foram motivadas pela busca de matéria-prima para o IF e pela obrigação de fazer registros fotográficos constituírem os conteúdos que geraram a mediatização dos indivíduos, todas as interações decorrentes daí possibilitaram uma sociabilidade autônoma que foi além das necessidades primeiras, se enraizando nos sentimentos de confiança e amizade.

Em perspectiva distinta daquela dos cadernos de polícia, com o comércio do Zé (Imagem 4), Daniel Sena traz uma fotografia social do bairro, uma informação que conseguiu atravessar o “muro” ou a barreira comunicativa (Goffman, 2010) e mostrar um homem simples transformando sua casa em local de trabalho, situação comum para vários segmentos da cidade nesses contextos fluídos do tempo e do local de trabalho e descanso. É simbólica a ação do morador de concentrar todos os recursos e esforços no trabalho noturno de venda de alimentos após uma jornada diária de trabalho. Assim,

é possível inferir que a desagregação e dessemelhanças, ordenadas por muros, constituem situações de isolamento, segregação e estigmatização que tornam os “outros” um tipo de entidade cada vez mais distante e invisibilizada. Pois, se por um lado, os longos muros preservam pequenas ilhas de riqueza, por outro, também representam um tipo de fronteira simbólica que segrega segmentos socioeconomicamente frágeis. Em uma analogia com a relação entre o “eu” e o “outro” caracterizados nos europeus e índios, pode-se pensar que cada muro ou

---

<sup>8</sup> Disponível em: <https://www.facebook.com/livrefotografiaitz/photos/p.675108939237997/675108939237997/?type=1&theater>. Acesso em: 21 de abril de 2020, às 15 horas.

grade possui uma intenção de separação de proporções oceânicas (Pereira, 2018: 26).

Podemos dizer que as caminhadas exploratórias e os sentidos abertos para aquela realidade possibilitaram as imagens que aproximam e oferecem outra perspectiva da metrópole Imperatriz. Nesse sentido, a Imagem 5 é emblemática para uma reflexão acerca da relação do bairro com a própria cidade.

Imagem 5 - Bairro da CAEMA, um dia antes da cavalgada<sup>9</sup> que abre a Expoimp.



Fonte: Sena, 2014.

Nessa imagem, é possível observar outra atividade laboral comum no lugar, a dos carroceiros. Nosso informante explica que o bairro possui uma característica rural forte e que a carroça era um meio de trabalho e de transporte para muitos, pois as utilizam para prestar o serviço de frente e para se locomover também. Toda a prática e os saberes relacionados à carroça trazem uma forte simbologia rural que constitui o próprio cenário do lugar e das relações estabelecidas. Estudos como os de Carvalho (2016), Lopes (2013) e Oliveira (2017) apontam que os carroceiros passam por processos de invisibilização social e histórica e vivem em tensão com a cultura urbana, geralmente evidenciando uma tensão entre moderno e tradicional.

Sobre o contexto da fotografia das carroças e da cidade, é importante ressaltar que foi realizada um dia antes da cavalgada que marca a abertura da Exposição Agropecuária de Imperatriz (EXPOIMP). Nessa festa, organizada pelo Sindicato Rural de Imperatriz (SINRURAL), que representa os principais produtores e empresários

---

<sup>9</sup> Trata-se de uma manifestação cultural na qual muitas pessoas transitam nas ruas da cidade, montadas em seus cavalos. Ocupam as ruas, anunciando o início da Exposição Agropecuária de Imperatriz.

vinculados ao agronegócio na região, ocorre também a participação dos veículos de tração animal – representando um momento de inserção tutelada em uma atividade ligada ao “agro moderno e produtivo”.

Na cavalgada, há um contexto em que os condutores podem transitar em uma marcha de velocidade homogênea com os empresários em seus cavalos de raça e outras pessoas que acompanham a movimentação<sup>10</sup>, diferentemente do que acontece nos outros dias, em que as carroças são ultrapassadas por carros e motos de forma constante. Esse contexto da cavalgada é importante para compreender os comentários a seguir (retirado do facebook):

Daniel Sena: Se houvesse uma denúncia a fazer, seria, com certeza, a da falta de infraestrutura do bairro.

Daniel Sena: Engano seu, Vanessa.

Daniel Sena: Gilmar, suas afirmações são baseadas somente na fotografia?

X: Essa preocupação do povo com os cavalos só vejo em época de Expoimp.

Y: Às vezes, o carroceiro tá chegando do serviço. A maioria das pessoas que moram aqui ou é carroceiro ou pescador ou traficantes.....!!!!~####REALIDADE~####~(

W: Bairro bem carente, olha o menininho descalço, o esgoto a céu aberto. Povo bem sofrido, com acesso a muito pouca coisa, a realidade de nosso país, PADRÃO FIFA.

Z: Esse é nosso Bairro!

T: Enquanto olham a boniteza dos cavalos... a criança tá aí com a barriga cheia de verme devido à falta de saneamento básico e infraestrutura comprometida.... Trágico....

Quando postada na *fanpage*<sup>11</sup> do fotógrafo, a imagem suscitou um debate em torno da polarização dos temas maus tratos dos animais e condições precárias dos bairros. Nos trechos grifados, temos a fala do autor da fotografia em resposta a questionamentos que foram apagados da rede e duas mensagens que partem do próprio lugar para revelar mais sobre a realidade social vivida ali: “Às vezes, o carroceiro tá chegando do serviço, a maioria das pessoas que moram aqui ou é carroceiro ou pescador ou traficantes” (Ivanete Dias, 2014).

Waizabort (2013: 316) observa que, no pensamento simmeliano, há uma tensão entre indivíduo e sociedade que se expressa em um processo civilizatório de

<sup>10</sup> Fonte: <https://www.imperatriz.ma.gov.br/noticias/carroceiros-receberao-nesta-quinta-adesivo-e-alvara-para-cavalgada-da-expoimp-2019.html>. Acesso em: 20 de maio de 2020, às 14 horas.

<sup>11</sup> Fonte: <https://www.facebook.com/livrefotografiatiz/photos/a.285689794846582/653616408053917/?type=3&theater>. Acesso em: 25 de maio de 2020, às 23 horas.

diferenciação social, pois aquilo que “para o homem primitivo, foi uma luta com natureza visando à auto conservação, para o homem moderno, é a tensão entre o interior e o exterior”. A relação entre homem e natureza também é colocada em seu texto sobre Florença, onde percebe que a natureza é incorporada à estética urbana, mas na forma de cultura (Simmel, 2003A).

O debate sobre a inserção dos carroceiros tende também a ser pensado em relação a uma cultura urbana que busca domesticar, disciplinar e ordenar segundo formas modernas de sociabilidade. O processo civilizatório existe, com todas as regras e sanções morais, contudo a violência dessas sanções parece ser somada com a violência social do próprio bairro. Observamos assim uma violência gerada pelas barreiras comunicativas que se expressa na forma de estigma (Goffman,1988), uma violência social (Wievorka,1997) expressa na ausência do Estado e, conseqüentemente, de políticas públicas e uma violência civilizatória (Elias,1994). Nesse sentido, é necessário apontar uma pequena limitação, já trabalhada por Waizabort, a respeito do pensamento Simmeliano. Segundo ele:

A época moderna significa para Simmel um rompimento e uma transformação frente aos tempos pré-modernos. Trata-se de uma profunda transformação que afeta os conteúdos e as formas do conhecimento e da ação; esta transformação é a passagem de formas fixas substanciais e estáveis a um estado de movimento e maleabilidade. Nesse sentido, o seu método é essencialmente moderno – Simmel é um moderno, que fala do moderno, de modo moderno, para os modernos. A ideia de movimento é um signo do moderno, o seu traço característico (Waizbort, 2013:167).

Embora o problema da modernidade esteja dado de forma explícita, possibilitando que facilmente as quebradeiras de coco babaçu (Imagem 3), os vendedores informais (Imagem 4), os carroceiros (Imagem 5) e os puxadores de areia (Imagem 6) possam ser etiquetados de “pré-modernos”, o método compreensivo (Simmel, 2011) nos possibilita uma abstração inicial do âmbito discursivo modernidade *versus* tradição, para pensar o bairro a partir de suas características específicas e de suas sociabilidades, e não do que deveria ser em termos dos discursos de uma cultura urbana do aceleracionismo (Fortuna, 2018) e da modernidade. A forma da cultura urbana segue em processo, de acordo com as interações e suas ligações com a História e com subjetividades.

Imagem 6 - Draga para extrair areia do rio Tocantins



Fonte: Sena, 2020.

Pelo viés simmeliano, podemos pensar, de modo geral, a cidade de Imperatriz como portadora de duas faces: uma metropolitana, marcada pelo estado blasé, pela rápida velocidade e pela multiplicidade da vida econômica e social; e outra bucólica, com predomínio da natureza e onde o “ritmo da vida e do conjunto sensorial de imagens mentais flui mais lentamente, de modo mais habitual e mais uniforme” (Simmel, 1967:14). Pereira (2019) explica que

[u]ma forma de visualizar essa diferenciação é imaginando a descrição de uma caminhada de 50 metros, ou uma observação de 15 minutos, em algum centro metropolitano, e depois comparar com o mesmo exercício realizado em uma cidade pequena. A comparação do número de automóveis, transeuntes, sons, habitações, lojas e demais dinâmicas permitem pensar a diferença de ritmos (Pereira, 2019: 23).

No caso da CAEMA e do Centro de Imperatriz, essas diferenças, que também são quantitativas – se consideramos a diferença do fluxo de pessoas que normalmente transitam pelas ruas do Centro e das que transitam nas ruas da CAEMA –, possuem impactos qualitativos, possibilitando formas de sociabilidade mais próximas no primeiro caso e mais afastadas, no segundo. Formas de sociabilidade que refletem a própria velocidade do ritmo da vida nas duas situações.

Por fim, convém falar um pouco sobre a Imagem 7, que simboliza a principal ligação do fotógrafo com o bairro, já que traz o registro dos artistas da Trupe de Habilidades Circenses realizando uma ação cultural com as crianças do bairro.

Imagem 7 – THC



Fonte: Sena, 2014.

A imagem traz o momento de um cabo de guerra entre as crianças, sendo mediado pelo artista Leonardo Pires. O evento ocorreu entre dezembro de 2013 e janeiro de 2014 e nosso informante explicou que eles arrecadaram pão, algodão doce e brinquedos para fazer a alegria da criançada. O trabalho envolveu o pessoal do THC, um movimento internacional de artistas conhecido como “Movimento Buena Vista<sup>12</sup>”, a palhaça Jó Peteleco e o Imperatriz Fotos (representado por ele mesmo). Ele nos narrou que, com o tempo, observou que as crianças chamavam todas as pessoas que ficavam indo para a casa do Tico (primeiro local de contato no bairro) por conta dos entretenimentos culturais.

Nosso informante recorda situações em que o bairro ficou sem energia e os membros do THC iniciaram apresentações com música e fogo, atraindo o olhar e a atenção dos moradores. Observando os arquivos imagéticos de nosso informante, é possível observá-lo treinando malabares e sendo filmado pelos amigos artistas. Há também registros dos momentos em que ele acompanhou a trupe em apresentações no Palco Giratório SESC, realizado em São Luís, e em várias outras viagens. Dentre várias trocas de experiências e saberes, vale destacar o depoimento abaixo:

Cara, não sei se tu já percebeu, mas a maioria das pessoas que vão pintar esses azulejos que o Tico fazia, eles começam as pinturas de trás para a frente. Tipo, ele pinta lá o horizonte, aí vem vindo, vem vindo, os últimos elementos são os primeiros, sabe? Aqui na arte aparece um casal desenhado, ele começou lá de trás até chegar nesse ponto. E eu quando fazia fotografia, eu enxergava o mundo muito

<sup>12</sup> Fonte: <http://blogdafolha.blogspot.com/2013/08/os-integrantes-do-movimento-buena-vista.html>. Acesso em: 25 de maio de 2020, às 23 horas.

assim: eu olhava aquela coisa, e depois o meu olhar ia para trás. Entende, a composição minha vinha da frente pra trás. Enfim, quando eu comecei a ver as pinturas, vi muito o Tico pintando azulejo, filmei, tirei foto, postava no Imperatriz Fotos, enfim ... aí, eu comecei a treinar na fotografia, quase que naturalmente, o olhar vindo de lá de trás pra frente e de frente pra trás. Começou a ficar rápido esse movimento. Eu conseguia ver o que eu queria fotografar, mas também via a parte de trás. Às vezes, eu já via o de trás e sacava o que ia aparecer na frente (Sena, entrevista realizada em maio de 2020).

O trecho narra um rico aprendizado na forma de “olhar” que demonstra o grau de unidade que foi construído. A relação entre fotografia e arte, tão estudada nos manuais de fotografia, sendo vivida e repassada no cotidiano da arte de rua.

Enfim, as etapas e situações narradas até aqui estão diretamente relacionadas com: 1) a construção de um processo de fotografia urbana na cidade de Imperatriz-MA; e 2) a composição de grupos de aprendizagem, que são até hoje liderados pelo referido fotógrafo. Desde o ano de 2015, foi possível observar turmas que realizavam fotografias em ônibus, em trânsito por bairros periféricos da cidade, nas feirinhas ocorridas nos finais de semana, nos festejos de rua e em várias situações que marcam o cotidiano local. O resultado desse aprendizado técnico, mas humanizado, pode ser observado nos perfis de egressos de um curso de fotografia ministrado por Daniel Sena, como @sociologia\_urbanaitz, @saudadeitz, @willianacostta e @retratandoc\_, entre outros.

## **Conclusões preliminares**

Por meio das histórias vividas, buscamos compreender a fotografia urbana na cidade de Imperatriz por meio dos itinerários percorridos pelo fotógrafo Daniel Sena. Na tentativa de seguir uma narrativa etnográfica de viés simmeliano, descrevemos o conjunto de motivações e estímulos presentes em sua caminhada, destacando encontros que possibilitaram novas formas de autoconsciência fotográfica e de institucionalização da prática da fotografia urbana em Imperatriz-MA.

Das motivações, delineamos algumas sociabilidades e a sua inserção como fotógrafo no bairro periférico da CAEMA. Metodologicamente, foi enfatizada a maneira como os conceitos de forma, conteúdo e compreensão podem ser operacionalizados na observação do agrupamento composto por artistas e pelo fotógrafo e no modo como

passaram a desenvolver uma vivência cotidiana que possibilitou a troca de práticas e saberes a respeito da fotografia e da forma de ver a cidade.

As caminhadas e a maneira como ele observou Imperatriz permitiram notar velocidades distintas, ritmos e experiências que resultaram nos diferentes enquadramentos que se expressam nas imagens selecionadas. São imagens que refletem um processo de inserção e a construção de vivências – que ultrapassaram os conteúdos e possibilitaram uma sociabilidade fotográfica no local.

Enfim, se a trajetória e as características de Daniel Sena foram importantes para analisarmos as interações com os fotografados, foram fundamentais também para compreender o contexto mais amplo da cidade de Imperatriz-MA, em seus processos de estigmatização e segregação e em suas particularidades, próprias de uma metrópole encravada na Amazônia maranhense.

Mesmo que haja algumas críticas ao uso do viés simmeliano em estudos de situações urbanas muito específicas, especialmente em relação ao discurso da modernidade, acreditamos que é importante não adotar uma postura radical e buscar um exercício epistemológico por meio da ideia de compreensão desenvolvida pelo autor e de sua capacidade atemporal de pensar as interações. De fato, trata-se de um clássico que possui grande contribuição no debate a respeito dos desafios metodológicos em pesquisas de etnografia urbana.

## REFERÊNCIAS

BUENO, Thaisa C.; BATALHA, S. Plugado na rede: levantamento apresenta os primórdios da mídia de Imperatriz na Internet. In: Roseane Arcanjo; Nayane Brito; Thays Assunção, Rodrigo Reis. (Org.). *JORNALISMO, MÍDIA E SOCIEDADE: AS EXPERIÊNCIAS NA REGIÃO TOCANTINA*. 1ed. São Luís: EDUFMA, 2017, v. 1, p. 207-2018.

CARVALHO, Andresa Karla Silva. *O trabalho dos carroceiros na cidade de Natal: cotidiano, política e emoções em torno de uma atividade ameaçada*. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte. 2016.

ECKERT, Cornelia; ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. *O tempo e a cidade*. Porto Alegre: UFRGS Editora, 2005

- \_\_\_\_\_. *Etnografia de rua: estudo de antropologia urbana*. 1ª ed. Porto, 2013. Alegre: Editora da UFRGS, 2013.
- ELIAS, Norbert. *O Processo Civilizador – Uma História dos Costumes*. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.
- FORTUNA, Carlos. *Caminhadas urbanas, com-vivências inesperadas*. e-cadernos CES [Online], 29 | 2018.
- FOOTE WHYTE, W. Anexo A: Sobre a evolução de Sociedade da Esquina. In: \_\_\_\_\_. *Sociedade de esquina: a estrutura social de uma área urbana pobre e degradada*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.
- GOFFMAN, Erving. *Estigma: Notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada*. 4. ed. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1988.
- \_\_\_\_\_. *Comportamentos em Lugares Públicos – Notas sobre a organização social dos ajuntamentos*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010
- JANKÉLEVITCH, Vladimir. *Georg Simmel, filósofo de la vida*. Barcelona: Gedisa, 2007.
- LINDNER, Rolf. *The Reportage of Urban Culture*. New York: Cambridge University Press, 1996.
- LOPES, Nian Pissolati. *Homemcavalo: uma etnografia dos carroceiros de Belo Horizonte*. Dissertação (mestrado). Disponível em <http://hdl.handle.net/1843/BUOS-9BNG4M>. Acesso em 10/15/2020.
- MAGNANI, José Guilherme Cantor. *De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana*. Rev. bras. Ci. Soc. [online]. 2002
- OLIVEIRA, Ricardo A. P. de. *Carroça livre: uma etnografia com os carroceiros e cavalos da Vila São Tomás e Adjacências*. Dissertação (mestrado). Disponível em <http://hdl.handle.net/1843/BUBD-AVRGMT> Acesso em 08/05/2020
- PEREIRA, Jesus M. *Notas sobre a sociologia urbana de Georg Simmel: Do cotidiano de Berlim às formas urbanas*. Sociabilidades Urbanas – Revista de Antropologia e Sociologia, v.3, n.9, p. 15-30, novembro de 2019.

\_\_\_\_\_. *Interações fotoetnográficas: o “eu” e o “outro” na Praça de Fátima - ITZ*. Iluminuras (Porto Alegre), v. 16, p. 226-242, 2015.

\_\_\_\_\_. *DESCOLONIZAR O URBANO PARA VER O “OUTRO”*: Ideologias, imagens e a invisibilidade indígena nas cidades médias. Revista Iluminuras, v. 19, p. 233-265, 2018.

\_\_\_\_\_. PEREIRA, Ana Paula P. *Interações, estigmas e sentimentos: notas sobre o ofício de mototaxista em Imperatriz-MA*. In: Tessituras: revista de antropologia e arqueologia, v.5, p. 160-183, 2017.

\_\_\_\_\_. *O Outro como inimigo*. Revista sociologia, Editora Escala, São Paulo, 2018.

\_\_\_\_\_. *Streeteiros e a cidade: Sociabilidades, itinerários e institucionalização do skate em Imperatriz-MA*. Contemporânea - Revista de Sociologia da UFSCar, v. 9, p. 963-988, 2019.

SIMMEL, Georg. *A metafísica da morte*. Trad Simone Carneiro Maldonado. Política & Trabalho, ano 14, n. 14, João Pessoa: PPGS-UFPB, 1998.

\_\_\_\_\_. *Questões fundamentais da sociologia: indivíduo e sociedade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

\_\_\_\_\_. *Ensaio sobre teoria da história*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2011.

\_\_\_\_\_. Roma: uma análise estética. In: Carlos Fortuna (Org.), *Simmel: a estética e a cidade*. Revista Crítica de Ciências Sociais, n. 67, p. 101-127, 2003.

\_\_\_\_\_. Florença. In: Carlos Fortuna (Org.), *Simmel: a estética e a cidade*. Revista Crítica de Ciências Sociais, n. 67, p. 101-127, 2003A.

\_\_\_\_\_. *O conflito da cultura moderna e outros escritos*. São Paulo: Editora Senac, 2013

SMITH, Greg. *Georg Simmel: Interactionist before Symbolic Interactionism*. In: Michael Hviid Jacobsen (ed.) *The Interactionist Imagination: Studying Meaning, Situation and Micro-Social Order*. Basingstoke: Palgrave/Macmillan, 2017. ISBN 978-1-137-58184-6

VALLADARES, Lícia do P. *A visita do Robert Park ao Brasil, o "homem marginal" e a Bahia como laboratório*. Cad. CRH, Salvador, v. 23, n. 58, p. 35-49, Apr. 2010.

VANDENBERGHE, F. *As sociologias de Georg Simmel*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.

WIEVIORKA, Michel. *O novo paradigma da violência*. Tempo soc., São Paulo, v. 9, n. 1, p. 5-41, May 1997.

CUNHA, Valdeir V., SOARES, Willians M. A. *Enchentes no bairro CAEMA*. Relatório apresentado ao curso de Geografia da Universidade Estadual do Maranhão, Imperatriz-MA, 2012. Disponível em:

<http://reisdageografia.blogspot.com/2012/03/relatorio-caema.html>"  
<http://reisdageografia.blogspot.com/2012/03/relatorio-caema.html>. Acesso em:  
10/05/2020.

Recebido: 26/05/2020

Aprovado: 04/09/2020